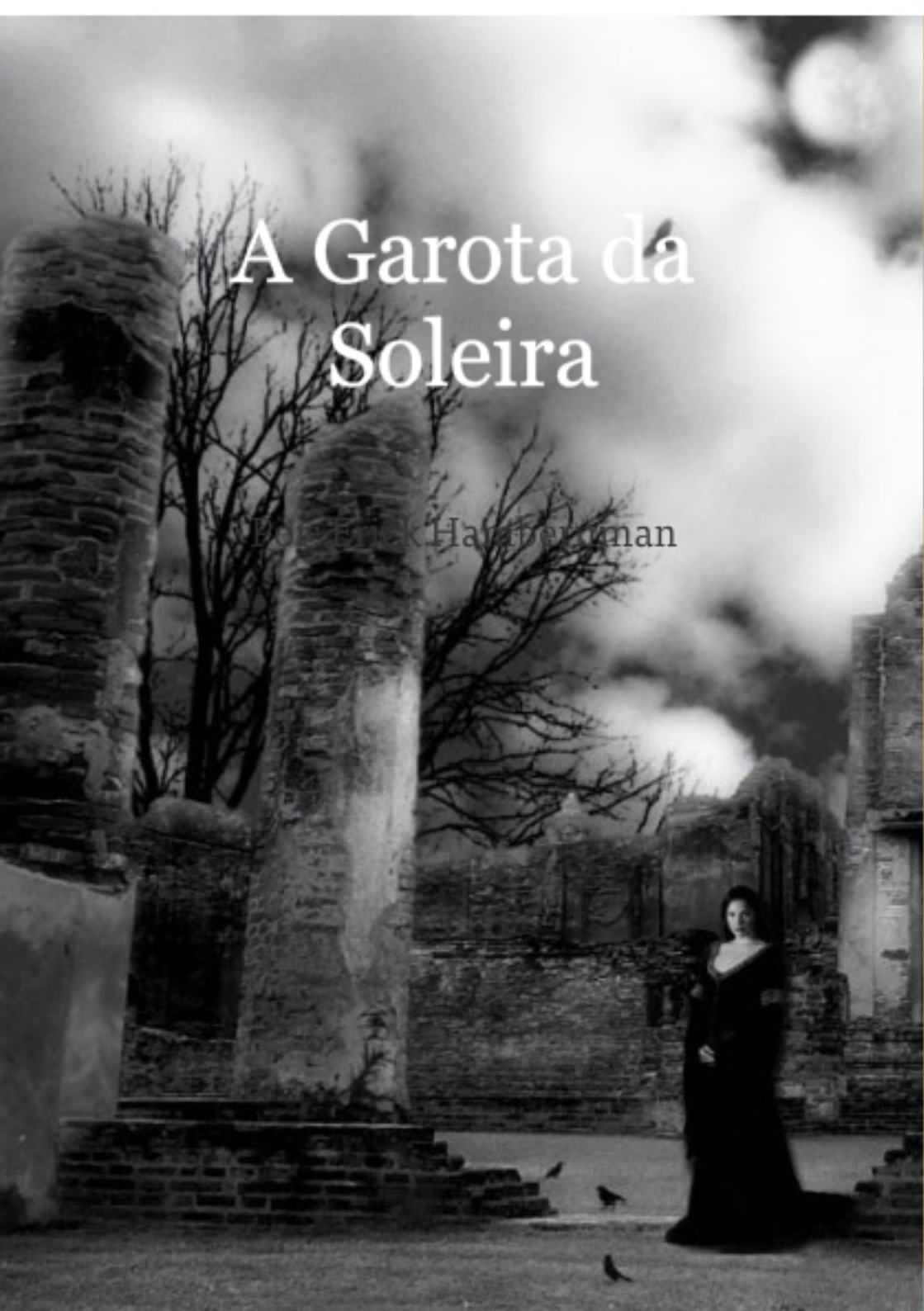


# A Garota da Soleira

Por Frank Harberman





digite aqui

E lá estava ela, novamente sentada sobre minha soleira. Volta e meia levava a mão à boca ao bocejar. Ela já estava ali havia horas. Será que sabia de sua condição? acho que não.

Todas as tardes quando olho pela veneziana da janela do segundo andar, eu a vejo, sentada de lado com a cabeça repousada nos joelhos, sempre com o mesmo vestido preto de rena, surrado. Parece que veio de um enterro.

Quando será que ela vai embora? Espero que logo. Já faz meses que ela me persegue. Todas as manhãs, acordo bem cedo, tiro meu pijama e coloco meu uniforme escolar, - ele é azul, odeio azul, odeio boina também-, tomo meu café com torradas e vou para a escola. Desço correndo os degraus de minha soleira, tenho medo que ela me chame pelo nome.



Quando volto do colégio lá pelas duas da tarde, ela já está lá novamente, sentada no segundo degrau, como faz sempre. Um arrepio corre pela minha espinha e acaba na minha nuca, em calafrio. Não deveria ter tanto medo, afinal ela deve ser pelo menos dois anos mais nova, no máximo tem onze. Meu pai diz que sou covarde. Subo bem devagar os degraus, escorado na mureta, nem por um segundo tiro os olhos dela. A pior parte vem quando chego finalmente a porta. Giro a chave na fechadura, sinto seu olhar perfurar minha nuca. Abro a porta e entro correndo. Subo apressado, as escadas para o segundo andar, na metade do caminho jogo a bolsa no chão e arremesso os sapatos para o alto. Abro a porta da biblioteca, corro até a terceira janela da esquerda e, olho por ela lá para baixo. por ela lá para baixo. Ela ainda está lá, morro de medo dela conseguir entrar, novamente.

Certa vez quando meu pai e minhas tias viajaram, ficaram apenas meu primo mais velho James e eu, na casa.

James tem dezesseis anos, olhos claros e, cabelos loiros, forte e muito bonito também. Diferente de mim, nem parece que somos parentes. Ele tem olhos claros, e eu escuros - pretos como breu - , ele tem cabelos liso e loiros, enquanto os meus são castanhos e enrolados. James vive a me a cassua, por ele sempre ter varias namoradas, e o máximo que já consegui, fora trocar caricias com um garoto, na festa de aniversario de meu pai, a traz de um arbusto, aos dez anos. Somente James sabe disso, e felizmente nunca contou a ninguém; sempre posso contar com ele. Somos como irmãos.

Nesse mesmo dia em que meu pai viajou com minhas tias, para a Noruega, James passou toda à tarde na sala de jogos, com sua namorada Clarice. Subi para a biblioteca, arrastei uma das poltronas de meu pai para perto da janela e a encostei a parede. Fiquei toda à tarde espiando a soleira, mas para minha decepção -ou alegria - a soleira estava vazia; fiquei de vigília até ao pôr do sol. Por um instante, senti sua falta.



Assim que escureceu, desci para a cozinha, senti fome e fui ver se James havia prepara a lasanha congelada que minha tia havia deixado para o jantar. O microondas estava vazio, o forno também. Olhei na geladeira, abri o freezer, a lasanha estava ali. Peguei-a, e a pus no forno, as instruções mandavam deixa-la cozer por quarenta minutos, ou, até dourar.

Fui à sala de jogos, dizer a James que eu já estava preparando o jantar. Pensei em bater na porta antes de entrar, mas como já estava entre aberta, descartei essa ação. Antes de abri-la, espiei pela greta, algumas peças de roupa estavam espalhadas pelo assoalho. Vi James sem as calças, encostando Clarice- também sem as roupas- contra a parede, as nádegas de James se contraíam, Clarice estava com os cabelos desgrenhados, ergueu a cabeça e fechou os olhos, mordida seus lábios rosados enquanto James beijava seu pescoço. Antes que fechasse a porta, Clarice abriu os olhos, e me viu. Não pareceu ficar constrangida , esboçou um

Corri de volta a cozinha, envergonhado. Meu coração palpitava, respirava ofegante de tão rápido que corri. Apoiei as mãos sobre o balcão de mármore que ficava encostado na parede. Tentei voltar a meu estado emocional do cotidiano, respirei fundo, até me acalmar. Consegui me ver da porta metalizada do armário, que ficava acima do balcão, eu havia corado, suor escorria pela minha testa até esconder-se em minhas sobrancelhas.

Clarice me vira, e se cantasse a James?

Clarice sempre fora extremamente bela, talvez uma das mais belas que já vi na vida. Seus cabelos ruivos encantavam todos os rapazes da vizinhança. Todos desejavam sentir seu cheiro perfumado. Porém após os treze anos, Clarice começou a ganhar fama, fama que nenhuma garota gostaria de ter. Saía com todos os garotos de sua rua, sem compromisso, e todos eles após o primeiro encontro espalhavam aos quatro ventos, as coisas que ela se depusera a fazer durante o cinema. James conhecia esta fama, mas parecia não se importar, acho que até o agradava.



Lembrei de Clarice e James, pensei em chamá-los para o jantar, da cozinha mesmo, Mas receoso preferi deixá-los em paz. Não demoraria a eles sentirem o cheiro e vir servirem-se. “Devem estar com fome” -,pensei.

Procurei algo para beber na geladeira, não achei nada além de bebida natural, fui até a dispensa em busca de refrigerante. Girei a maçaneta, abri a porta. Estava tudo escuro, por alguma razão a lâmpada se negava a acender; entre e fui até a ultima prateleira da esquerda, se não estava enganado era ali que ficavam as bebidas. Depois de passar a mão em algumas garrafas de vinho de meu pai, finalmente apalpei o que viria a ser refrigerante , peguei-o e me levantei, virando para a porta.

Olhei de dentro da dispensa, a cozinha. Avistei a mesa, a pia, passei os olhos pelos armários de portas metálicas, decai meu olhar ao chão, percebi pequenas manchas escuras sobre o piso branco. Pisquei, esfreguei os olhos, forcei a vista dando zoom no piso, percebi que as manchas tinham um formato peculiar. Não eram manchas apenas, eram pegadas, pegadas pequenas, pegadas da garota da soleira, vindo em direção a despeça.



Pensei em sair correndo, ir a sala de jogos e dizer ao James que ela havia invadido. Mas minhas pernas não me respondiam.

A porta de marfim a minha frente começou a balançar, balançou por duas vezes, até que em um baque fechou-se; arfei. Levei a mão à boca, abafando o grito que subiu pela minha garganta. Senti que poderia segurar meu coração com as mãos, que iria sufocar. Quase não conseguia puxar o ar, procurei minha bombinha para asma nos bolsos de minha calça, não encontrei. Lembrei que a havia deixado no criado mudo de meu quarto, hoje mais cedo.

A luz da dispensa acendeu por conta própria. Uma leve ardência percorreu pelos meus olhos, lágrimas escorriam pelo meu rosto, descendo por minhas bochechas, e despencando de meu queixo. Ouvi um sussurro em minhas costas:

- Sebastian...

Pude sentir seu hálito quente em minhas orelhas. Minhas mãos suavam frias; apertei os olhos, até que doassem. Senti meu estomago embrulhar. Tentei dizer alguma coisa, perguntar o que ela queria, mas meus lábios apenas se moviam, sem proferir som algum.



A luz piscou e se apagou, não senti mas sua presença. Fui tomado de um enorme alívio quando a porta se abriu. Abri os olhos e olhei para o chão da cozinha, as pegadas haviam sumido. Dei um passo em direção a porta, senti algo molhado em minhas calças, forte cheiro de urina subir pelas minhas pernas.



Essa foi a primeira vez que ela entrou em minha casa. Sumiu por alguns dias, só veio aparecer novamente vinte e um dias depois, novamente sentada sobre minha soleira.

Depois desse dia procurei em vários livros formas de me livrar de espectros. Encontrei um que mostrava a forma mais fácil de se livrar de magia de bruxas, dizia pra jogar sal sobre os ombros, mas que fazendo isso, você poderia estar trazendo para si, como consequência, fantasmas e até demônios. Também ensinava como impedir que eles entrem em sua casa.

Nesta noite, voltei a cozinha, peguei vários pacotes de sal, e comecei a despeja-lo em punhados nas porta e janelas de toda a casa.

Pela primeira vez pude dormir tranqüilo.

Acordei no outro dia com minha tia aos berros, querendo saber porque tinha tanto sal espalhado pela sala. Disse ao meu pai sobre a garota, e nesse dia ele me deu uma surra, para eu aprender a não contar mentiras.

Minha tia Miranda, gorda e de mãos prejudicadas pela artrite, me fez recolher todo o sal e devolve-lo a dispensa.

digite aqui

**Espero que tenham gostado.  
Infelizmente este é o fim...**

**Só que não! :)**



Sempre me cativei por historias de terror, porém nunca encontrei um livro sobre fantasmas realmente interessante. Então decidi por sobre a folha (ou Word) como eu gostaria que fosse uma delas. Este é apenas o primeiro capítulo, o resto esta aqui comigo, tanto arquivado em "Meus Documentos" quanto em minha famigerada mente.

**e-mail: eap\_erick@hotmail.com**

ME DECLARO SOCIALMENTE SOCIABEL ;)